

Recebido em dez. 2012

Aprovado em abr. 2013

O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO DA PSICOLOGIA

ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO *

RESUMO

Ensaio que analisa as raízes da Psicologia moderna apontando momentos onde a mesma se divorcia progressivamente da filosofia que a originou, incorporando um conceito científico que a coloca no cruzamento entre uma quase-ciência e uma quase-filosofia empobrecida, focada em aplicações práticas. Em seguida discute-se os efeitos das modificações de sua origem na constituição da psicologia no Brasil, fazendo um apelo à formação e aos profissionais para que revisem suas posições e conceitos.

PALAVRAS-CHAVE

Psicologia no Brasil. Epistemologia da Psicologia. Bases filosóficas da Psicologia.

* Psicólogo, mestre em Psicologia pela UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA UNESP, campus de Assis. É docente de graduação e pós-graduação do INSTITUTO MACAPAENSE DE ENSINO SUPERIOR - IMES e da FACULDADE DE TECNOLOGIA DO AMAPÁ-META. Atualmente trabalha na revisão teórica das bases filosóficas e da epistemologia da Psicologia moderna.

ABSTRACT

Essay that examines the roots of modern psychology, pointing moments where it divorces progressively from the philosophy that originated, incorporating a scientific concept that puts the psychology in the cross between a limited science and an almost-nearly-impooverished philosophy, focused on practical content and applications. Then we discuss the effects of modifications to its origin in the constitution of psychology in Brazil, making an appeal to the professionals for modifications in training and to review their positions and concepts as professional workers.

KEYWORDS

Psychology in Brazil. Epistemology of Psychology. Philosophical Foundations of Psychology.

A Psicologia moderna iniciou sua trajetória a partir de problemas sobre a questão humana nascidas das investigações filosóficas do século XIX. Naquele momento acreditou-se que a partir do método experimental vários dos problemas filosóficos acerca do homem seriam superados ou resolvidos, possibilitando novos problemas filosóficos e científicos. Essa forma de juntar filosofia com ciência não era apenas uma grande ideia, mas motivo suficiente para fundar uma nova ciência, numa época em que a mesma ciência ainda não havia se divorciado da filosofia. Esse formato permitiu que Wundt, pai da Psicologia moderna, falasse de medidas, parâmetros e variáveis com a mesma desenvoltura que explanava sobre Kant, ainda que não fosse kantiano propriamente dito.

Na verdade a faceta do Wundt filósofo permaneceu oculta para a maioria dos psicólogos, chegando Blumenthal a afirmar que Wundt é o pai que a Psicologia jamais conheceu. Talvez porque intriga a dimensão que a Filosofia ocupa em sua obra, com ainda mais [destaque do que a parte experimental, uma contradição estranha e aparente explicável pela curiosidade típica de tempos antigos, num momento onde a própria ciência ainda não havia se estabelecido tanto como se estabeleceu hoje. Em outras palavras, era necessário valer-se da Filosofia numa época que a própria ciência ainda não havia se fortalecido de forma suficiente. Essa explicação pueril e simples permanece sendo suficiente, ainda que o aprofundamento do estudo da obra do alemão tem mostrado que a sua parte filosófica era considerada a mais relevante de

sua obra. Isso exigia do mestre enorme erudição, essa mesma que é tida agora como desnecessária, pois o que é importante hoje é formular problemas científicos, hipóteses, experimentos, etc.

Este início foi talvez a era dourada da Psicologia, ainda que muitos a olhem com estranheza. Os primeiros psicólogos, com a desculpa de que estavam ainda na montagem de uma nova ciência, puderam refletir e experimentar livremente, especulando sobre a natureza de seu objeto e realizando experimentos das mais diversas formas. Naqueles dias havia talvez mais psicologias do que existem hoje, não que tal diversidade seja um mérito, mas sinal da liberdade criativa exercida pelos fundadores. As preocupações da Psicologia eram várias: percepção, inconsciente, fatores cognitivos, fisiologia, bioquímica, entre outros. Não havia problemas quanto às questões subjetivas, ainda que inicialmente.

Dentro das universidades esses psicólogos não se preocupavam, ainda, com o mundo real, absorvidos em criar as bases de sua disciplina. Vale lembrar que a ciência é assim mesmo: não se preocupa com as aplicações antes de saber do que é feito seu objeto. Tal aplicação cabe àqueles que desenvolvem tecnologias.

A psicologia nestas bases sofreu sério revés com os cortes das verbas universitárias, típico de instituições que colocam formalismos e questões departamentais internas acima dos verdadeiros problemas filosóficos e científicos. A escassez de recursos levou os psicólogos a buscarem novos empregos fora do ambiente acadêmico que os forjara, o que gerou uma onda de

aplicações práticas da Psicologia, num ambiente fortemente marcado pelo modelo positivista de ciência e seus correlatos. Tais fatos submeteram a psicologia ainda mais ao experimentalismo das aparências, imitando por vezes métodos da física e da química, com tal sorte de fracasso que nem assim o *status* de ciência de primeira grandeza foi possível contemplar – e da mesma forma continuamos hoje, utilizando das mesmas desculpas de Wundt e seus colegas.

O problema criado aí jamais foi superado. Marcado pelas exigências científicas o psicólogo afastou-se gradativamente das exigências intelectuais e filosóficas de seus fundadores para cair progressivamente no experimentalismo e em aplicações práticas. O resultado dessa mudança é visível nos olhos de desorientação e estranheza de alunos e profissionais da Psicologia quando leem sobre o surgimento de sua disciplina, o que reforça a impressão de superação de um passado aparentemente absurdo. Tal passado, ainda que não tenha sido inicialmente negado pelos psicólogos que fundaram as linhas que existem ainda hoje, deu lugar às concepções da Psicologia onde apenas a prática realmente interessava, e os problemas iniciais pareciam vagas questões residuais de uma época abandonada, já que o divórcio entre ciência e filosofia já tinha sido operado. É possível que essa mesma separação motivasse o declínio da Psicologia acadêmica.

Essa separação da psicologia com as filosofias que o originaram ainda está longe de ser resgatada e é uma das fontes da crise apontada no presente. Quando alunos e profissionais veem que este ou aquele autor

toma como base filosófica este ou aquele filósofo, isso pouco ou nada significa para ele ¹. Ainda que tido pelo seu mestre como importante o leitor geralmente permanece alheio ao problema epistemológico, ou qualquer outro que motive um posicionamento no campo da Psicologia. Antes de orientar o entendimento de determinado pesquisador da Psicologia as bases filosóficas servem mais para garantir que certas linhas da Psicologia sejam grandes, já que a busca de fontes puras ou complexas de uma disciplina que mantém a importância como bom grado dos intelectuais, como é o caso da Filosofia, não é efetivamente relevante para as aplicações práticas da Psicologia.

Pelo desconhecimento de métodos históricos ou filosóficos essa separação de suas raízes com a Filosofia é vista como natural, e sua permanência nos manuais apenas serve de ornamentação um tanto chique. Isso se deve ao novo lugar exercido pela Filosofia no conhecimento humano: além de ter perdido suas jurisdições para o experimentalismo e o cientificismo que ela mesma criara não há qualquer questionamento deste declínio. Assim as questões mais profundas e complexas da Filosofia foram retiradas do campo de preocupações dos pesquisadores “sérios”, sendo pensadas apenas como excentricidades de uma época

¹ O exemplo dos piagetianos é digno de nota. Ainda que o mestre suíço apontasse Bergson como base filosófica, e como justificativa metodológica de sua epistemologia genética, e que seu método de pesquisa pareça bizarro aos psicólogos experimentalistas, muito raramente podemos encontrar um piagetiano que saiba dizer ao menos o primeiro nome do filósofo.

passada. Os juízos sobre a redução sistemática da importância da filosofia passam pela percepção, quase nunca questionada, de que isso só ocorreu porque assim tinha que ser, tendo sido bom que acontecesse, que os resultados são definitivos e irrevogáveis. Assim funciona a história do conhecimento como o Tribunal final da razão humana e nele a Filosofia havia perdido para a Ciência, ainda que não estivessem em qualquer tipo de atrito ou combate.

Mas a culpa dessa separação terrível é da própria filosofia. O problema ocorreu quando, em nome da criação do experimentalismo, o último resíduo de experiência concreta por parte do indivíduo foi suprimido pelos filósofos, sobrando apenas, da variedade dos dados sensíveis, o esquema seco e descarnado das aparências mensuráveis. Esse formato teve vários pais: Bacon, Galileu, Descartes e John Locke, o que reforça a ideia de que estavam no caminho certo, com muitos genitores polindo as “excentricidades”.

Foram excluídas da possibilidade de observação científica as qualidades que só podem ser conhecidas por intermédio de sensações subjetivas, que vão variar conforme o indivíduo: a cor, o gosto, o cheiro, o som. Ficaram possíveis de experimentar aquelas que supostamente residem nas coisas mesmas e podem ser determinadas com certeza por todos os seres humanos unanimemente: a figura, a extensão, o movimento e o número. A coisa passa a ser descrita assim: são as qualidades primárias que definem a realidade física. As secundárias só existem para a psique individual que as apreende, ainda que psique seja um termo abstrato,

incognoscível e, como consequência, quase inútil do ponto de vista científico.

Ao concentrar-se exclusivamente nas “qualidades primárias” era possível observações precisas, permitindo a utilização de uma linguagem padronizada. Além disso, era relativamente fácil para o observador fazer generalizações que podiam rapidamente ser conferidas por outros estudiosos sem muita margem de erro, ao menos aparente.

A ciência criada pela Filosofia cresce assim com verdadeira repulsa da metafísica, ao mesmo tempo em que exigia a criação de uma Psicologia que estudasse o sujeito e seu pensamento, sua constituição. Exigia os protocolos rígidos da ciência para tentar compreender a própria natureza da percepção das qualidades secundárias. Não pode causar espanto: ainda que a psique seja a responsável pelas qualidades secundárias é a percepção dos fenômenos, das qualidades primárias, que está em jogo nas primeiras pesquisas em Psicologia. Mesmo que a criação de uma Psicologia como disciplina científica pretenda conhecer as “inferências inconscientes” de que falava Wundt na sua teoria lógica da mente, elas são por definição impossíveis de serem conhecidas, sendo abandonadas como uma impossibilidade experimental, ainda que tenham uma concretude filosófica que funda a própria investigação científica na área. É possível que esse primeiro divórcio funcionasse como estopim para todos os outros, até culminar na total separação que podemos observar hoje.

Na realidade essa foi a luta final de Wundt, ou seja, exterminar de suas concepções de Psicologia todas

as metafísicas, elevar o objetivismo ao máximo para realização dos seus experimentos, e abandonando progressivamente sua cadeira filosófica. Wundt defendia a dualidade da ciência ou a irredutibilidade dos conceitos das ciências do espírito (*Geisteswissenschaften*) aos conceitos das ciências da natureza (*Naturwissenschaften*) – em suma, eram coisas separadas. O psicólogo alemão reconhecia e aceitava a orientação hegeliana sobre as ciências, cuja origem encontra-se na distinção feita pelo filósofo alemão entre filosofia da natureza e do espírito, o que poderia justificar um espaço especial para a nascente Psicologia.

A diferenciação entre causalidade psíquica e física é coerente com essa concepção dual da ciência, enquanto que a concepção hierárquica da ciência apoia a noção de unidade da ciência, a ideia de que todas as ciências podem ser explicadas em termos de causalidade física. A posição de Wundt acaba abandonada em favor dessa última, sem qualquer explicação ou contraponto científico maior, ainda que Leibniz – entusiasta do método científico e do experimentalismo - tenha percebido que a soma das “qualidades primárias” não bastava para produzir uma coisa, um ente real.

Outro golpe ainda não recuperado é a total submissão da Psicologia às exigências catedráticas das universidades, o que possibilitou que um bom orador, como Watson, de fala sedutora com cunho nacionalista americano trouxesse para sua linha fileiras e fileiras de estudantes de pós-graduação, reforçando sua própria com mais recursos e mão-de-obra, sob o custo

de ver encolher outras perspectivas, às vezes levando-as ao puro desaparecimento, sem que tenham sido refutadas cientificamente ou filosoficamente.

Essa operação só foi possível com a crise vivenciada na academia europeia. Com as duas guerras as exigências práticas ficavam cada vez maiores devido à mingua de recursos para investimentos. Ou ainda, como resultado da perseguição pura e simples de certos psicólogos, suas linhas não sobreviviam num ambiente que se mostrava, se não hostil, arredo a uma disciplina que ora se comporta como ciência, ora se comporta como filosofia metafísica, e às vezes cai num falatório sem nexos para os cientistas da época.

O triunfo de uma das linhas da Psicologia moderna se deveu muito mais às circunstâncias e questões específicas de uma época específica do que efetivamente ao avanço da ciência e dos problemas que a geram. Ao contrário, como a história permanece como Tribunal da razão, fica a sensação de que era assim que deveria ter acontecido. Muito raramente se lê alguma tentativa de resgatar essa parte da história da Psicologia, ainda que muitos psicólogos se denominem foucaultianos – o que provocaria horror no pensador francês – essa “arqueologia” não chegou a ser feita, sendo vista como algo absolutamente natural. Como a Psicologia ama a sua própria história buscando os detalhes que justifiquem sua aplicabilidade e dê a sensação de grandeza, os questionamentos sobre os caminhos tomados são vistos como anedotas menores ou, o que é ainda pior, num discurso do “melhor não mexer” para que não se criem problemas

posteriores. Isso porque essa questão é muito visível já no amplamente utilizado “História da Psicologia Moderna”².

A Psicanálise só sobrevive porque se muda para a Inglaterra durante a 2ª Guerra. Os adeptos da Gestalt e outros psicólogos, ao mudarem-se para os EUA, se viram numa delicada situação de questionamento da encantadora nova Psicologia americana, que provocava entusiasmo nos anfitriões, colocando os europeus numa difícil situação. Soma-se ainda à dificuldade de estudar tais linhas imigrantes, filosoficamente exigentes e com poucas aplicações práticas. O espírito acadêmico norte-americano acabou por prevalecer sobre uma disciplina nascida na Europa.

Com tantas operações e golpes já no berço era de se esperar que, após Skinner (este antes um experimentalista laboratorial do que efetivamente um intelectual) não surgiu nenhum grande psicólogo. Se a princípio a Psicologia circulava nos altos círculos com certo prestígio e dialogava com os grandes de sua época

² É notável como esse livro, cheio de erros e imprecisões, é amplamente utilizado pelos cursos de Psicologia Brasil afora. Seu capítulo sobre influências filosóficas ignora retumbantemente Kant, Hegel ou qualquer dos pensadores gregos. Sua parte sobre Psicanálise é deploravelmente falha nos conceitos principais da teoria de Freud. Apesar de reconhecer os erros de Tichener, não realiza uma revisão, apenas se limita a alguns parágrafos e notas de rodapé, ainda que o americano tenha deformado a Psicologia europeia de então. E ainda por cima: afirma os erros sobre Wundt realizados por Tichener. É comum numa conversa com colegas ouvir questionamentos sobre o livro ou destilações sobre seus erros ou ainda sobre seu pejorativo apelido de livro de fofoca da Psicologia, coisa que, se não verdadeira, se aproxima da verdade.

de fundação, hoje luta como classe profissional organizada. Essas operações também destituíram a psicologia de sua busca sobre o humano: ficou sem objeto claro, sem método próprio, mal tem status de ciência e atua apenas como um *staff* profissional³.

Essas são as razões para não se espantar com a cara da Psicologia atual, totalmente prática, que só pensa em cavar vagas com atuações em diversos locais e modalidades: escolas, igrejas, hospitais, clubes, empresas, centros de referência e onde mais pudermos enfiar psicólogos (com reflexos no currículo acadêmico), para reforçar a classe e melhorar o *status* da profissão, dando-a uma cara de socialmente útil antes de ser uma verdadeira disciplina. O problema da utilidade parece ser mesmo um trauma, uma fixação da área.

E é dessa forma que os psicólogos são formados. Após algum tempo vendo disciplinas chamadas “básicas”, que os alunos veem senão apenas como uma tortura inútil, um caminho das pedras para o verdadeiro castelo, este se constitui de psicologias aplicadas aos mais diversos espaços. Após ver algo de sociologia, filosofia, antropologia, neurociência, etc., inicia-se a Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Hospitalar, Psicologia Escolar, Psicologia disto, daquilo, e daquilo outro. Cada um desses possui uma metodologia própria fornecida por algum dos mestres da aplicabilidade, um grupo de mentes abençoadas cujas mãos dirigem a

³ Sobre esse assunto é interessante observar que muitos pesquisadores afirmam que a Psicologia tem uma “epistemologia” plural, e isso é tido como grande mérito quase de forma unânime, o que certamente causa olhos de espanto em qualquer pesquisador de qualquer outra área.

Psicologia no Brasil, sua pesquisa, suas aplicações, seus rituais, suas formas de falar, de realizar, suas posturas, e tudo o mais que possa importar para criar mais espaços e enfiar mais psicólogos onde couber.

Tais mentes abençoadas, os próceres da nova aurora da Psicologia, estão habitando os mais altos pedestais, decidindo quais livros devem ser traduzidos, quais elementos do politicamente correto podem ser adotados pelos psicólogos, quais seus preconceitos a serem evitados, quais as formas legais de atuação, quais linguagens deve se adotar, quais pesquisas podem ser feitas, quais autores podem ser utilizados, quais militâncias estão autorizados a realizar ⁴, quais brigas comprar, tudo aceito passivamente por uma massa de profissionais que vê a beleza disso, pois assim conseguem empregos, vagas, dinheiro, etc.

Enquanto isso, em todo o continente americano, o país permanece na vergonhosa 5ª colocação: EUA,

⁴ A questão da militância política é interessante. Ao mesmo tempo que o marxismo, cuja única Psicologia, a de Vygotsky, jamais encontrou uma tradução completa e um estudo sistemático no país, é adotada como essencial para a vida profissional. Já a Psicologia Cristã, cheia de nomes ilustres e vasta produção internacional (raramente traduzida para o português), é progressivamente proibida de ser realizada no país. Sobram militâncias das mais diversas na Psicologia, mas a simples ideia de uma Psicologia Cristã já é refutada *in limine*, como uma invasão da religião sobre o campo da ciência. Ao mesmo tempo a militância gay encontra respaldo científico de suas reivindicações, ainda que fora do país a literatura contrária seja abundante, mesmo fora da Psicologia Cristã. Essa é uma das deformidades, idolatrar uma militância e demonizar outra, causadas pela forma que a Psicologia contemporânea assumiu.

Canadá, Argentina e México ainda desenvolvem psicologias de melhor qualidade, mesmo tendo massas de profissionais em número bem menor. E os motivos dessa terrível decadência jamais são investigados, ao contrário, se acredita coletivamente, num pacto secreto de silêncio, que a Psicologia nacional nunca esteve melhor.

Assim a Psicologia atual abandonou os problemas que a originaram sem respondê-los, submetendo-se às exigências acadêmicas e questões profissionais, esquecendo-se da própria substância que deveria se preocupar. A negação da possibilidade sequer de existência de qualquer coisa que se assemelhe à natureza humana, com forte influência de pensadores do século XX, sepultou o caixão de vez, afundando a Psicologia completamente numa ciência que jamais consegue se efetivar verdadeiramente. Ao contrário, vive de uma contínua criação de diferentes epistemologias. É aí que as questões iniciais de sua história são vistas como peculiares, para não dizer que eram apenas maluquices. É um passado distante visto com olhos de que suas buscas eram infundadas, que ainda bem que “aquilo tudo” desapareceu, que foi melhor assim, ou seja, os mesmos argumentos que regem o declínio da própria Filosofia.

Que a psicanálise, nascida fora das universidades, sem preocupações acadêmicas e científicas, sem submeter-se às brigas internas dos departamentos e permanecendo fiel à busca de seu fundador tenha florescido tão amplamente não é surpresa. Para Dr. Freud pouco importava se os acadêmicos o acusassem

de ser insuficiente científico, se o inconsciente não poderia ser observado, muito menos provado, pois não dependia da crítica de seus colegas acadêmicos, não eram eles que proviam seus recursos, sua aprovação se mostrava totalmente desnecessária, ainda que tenha feito apontamentos sobre epistemologia e validade científica ⁵. Mas, quando dentro das universidades a Psicanálise forma um estranho amálgama com problemas científicos e de metodologia científica, o que pode ser observado pela enorme dificuldade das faculdades de produzir psicanalistas no sentido mais estrito do termo.

Já o behaviorismo, imerso em experimentações e correlações de variáveis, permanece cego e gritando: onde está a mente? Onde fica a psique? E, não encontrando respostas científicas – e diante de tais perguntas não poderia exigir-lo – imagina-se numa posição triunfante que, se não está concretizada agora por causa do sucesso e difusão da Psicanálise, imagina concreto num futuro próximo, numa espécie de sonho semelhante ao estado positivo de sociedade idealizado por Comte. Esse solitário *status* científico negou o próprio nome da disciplina, e *psi*, aqui, se refere apenas ao pessoal que pratica a profissão.

No caso do humanismo, todas as pretensões de uma explicação geral simplesmente inexistem. Na Gestalt, talvez verdadeira herdeira da Psicologia de

⁵ Outro ponto interessante pode ser observado aqui. Dr. Freud classificou a Psicanálise dentro das ciências naturais, porém o consenso geral é de incluí-la dentro das ciências humanas, por vezes como parte das “revoluções” preconizadas por Kuhn.

Wundt, a insistência na percepção do fenômeno como praticamente único método válido aliado à pequenez das suas fileiras – em quantidade, frisa-se – deixa a linha incapaz de resolver os problemas. Outras linhas sofrem de problemas semelhantes ou até piores, por vezes apenas reproduzindo o que disse seus fundadores.

Muitos questionamentos e problemas foram levantados, mas qual seria a solução? Enormemente distante de ter a chave do baú dos remédios para os males que acometem os psicólogos, com a mais baixa pretensão de reles mestre insignificante de uma pequena faculdade particular num estado irrelevante proponho, com a rouquidão típica dos mais fracos, na esperança de algum ouvido que consiga captar a mensagem: **PRECISAMOS RESTAURAR A TRADIÇÃO FILOSÓFICA DA PSICOLOGIA!**